



ANÁLISE DA FARMÁCIA CASEIRA DE PACIENTES DE UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DA SERRA CATARINENSE

ANALYSIS OF THE PATIENTS' HOME PHARMACY IN A BASIC HEALTH UNIT IN SERRA CATARINENSE

Maria Eduarda Wolff
Marli Adelina de Souza
Vanessa Valgas do Santos
Lenita Agostinetto
Rose Cristina Possato¹

RESUMO: Este estudo teve como objetivo caracterizar os hábitos referentes ao estoque medicamentoso de pacientes atendidos na Atenção Primária à Saúde, investigando a prevalência do armazenamento, quantidade de fármacos, locais de estocagem, formas de descarte e nível de conhecimento de seus usuários. A pesquisa teve metodologia transversal e observacional, através da aplicação de um questionário durante visitas domiciliares a 108 famílias residentes em um município da Serra Catarinense e cadastradas na Unidade Básica de Saúde. Os questionamentos foram realizados no período de setembro de 2021 a abril de 2022. Os resultados sociodemográficos revelaram que a população era composta predominantemente de mulheres (65,7%) com idade média de 55 ± 16 anos. Das diferentes atividades, a predominante entre os investigados era do lar (21%). Quanto ao grau de escolaridade, a maioria dos entrevistados tinha o 1º grau incompleto (34,2%). Quando questionados sobre a farmácia caseira, 97,23% responderam que armazenavam medicamentos em casa, em um total de 474 fármacos. O principal local de estocagem foi a cozinha (55%), seguida do quarto (40,83%). Entre as formas de descarte, o lixo comum foi a principal maneira de eliminação medicamentosa (35,8%), e quando questionados, 89,8% dos entrevistados relataram nunca ter recebido informações de como realizar o descarte adequado. Assim, este estudo revela a necessidade de ações educacionais para elucidar a população acerca dos riscos do consumo irracional bem como do descarte inadequado de medicamentos.

Palavras-chave: Automedicação; Gerenciamento de Resíduos; Armazenamento de Medicamentos.

ABSTRACT: This study had as its goal to characterize the habits related to the drug stock by patients attended in the primary health care, investigating the storage prevalence, drugs quantity, storage locations, disposal forms and knowledge level of the users. The research method was transversal and observational, through the application of a questionnaire during the domiciliary visits in 108 houses in a city of Serra

¹ Curso de Medicina, Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), Lages, Santa Catarina, Brasil. E-mail: mariaeduardawolff@uniplaclages.edu.br

Revista Gepesvida

Catarinense and indexed on the Basic Health Unit. The questionnaires were performed between September of 2021 and April of 2022. The sociodemographic results reveal that the population was composed mostly by women (65,7%) with a middle age of 55 ± 16 years. Between the different activities, the predominant was "do lar" (21%). About the level of schooling, the most of the interviewed had not finished elementary school (34,2%). When asked about the drugs stockage, 97,23% answered that they stored drugs at home, the total was 474 drugs. The main place to store was the kitchen (55%), followed by the bedroom (40,83). Between the disposal forms, common trash was the most prevalent (35,8%), and when asked, 89,8% of the interviewed said that they had never received instruction about the discard of drugs before. Thus, this study reveals the necessity of educational actions to clarify the population about the risks associated with the irrational consumption and the inadequate discard of medicines.

Keyword: Self Medication; Waste Management; Drug Storage;

INTRODUÇÃO

A farmácia caseira consiste no estoque domiciliar de medicamentos, sendo composta por todos os fármacos presentes na residência, sejam eles de uso contínuo ou esporádico, sendo que os mesmos podem ser adquiridos através de prescrição médica ou automedicação. Grande parte da população brasileira possui medicamentos em sua residência, acumulando-os de forma a constituir a farmácia caseira - da qual também fazem parte outros instrumentos relacionados à saúde (FERNANDES, PETROVICK, 2004).

Segundo a Organização Mundial da Saúde, mais de 50% de todos os medicamentos são incorretamente prescritos, dispensados ou vendidos; e mais de 50% dos pacientes os usam incorretamente (OMS, 2017).

Pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação para Farmacêuticos (ICTQ, 2014) apontaram que 76,4% da população brasileira faz uso de medicamentos a partir da indicação de familiares, amigos, colegas e vizinhos. Esse dado reforça a presença da automedicação.

A automedicação conceitua-se como a ação de administrar medicamentos sem prescrição médica, sendo que a escolha do fármaco e o seu consumo são realizados por indivíduos inaptos para tal, com o objetivo de curar patologias ou diminuir seus sintomas. Destaca-se aqui que além da possível baixa eficácia dessa administração - visto que não foi orientada por um profissional capacitado - essa prática pode ter como consequência o mascaramento dos sintomas da doença de base, podendo esta se agravar e levar o paciente a óbito (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012)

Revista Gepesvida

Como pontos que sustentam essa prática, observou-se uma preferência pela automedicação em relação à consulta médica, baseada na rapidez e na facilidade da aquisição dos medicamentos, além da economia no valor da consulta. (SILVA, 2020)

Além de facilitar o consumo irracional de medicamentos - com a reutilização de sobras de tratamentos anteriores - a farmácia caseira também pode ocasionar intoxicações. Geralmente esses medicamentos ficam armazenados nos armários até perderem a validade e então são descartados de modo incorreto ou então reutilizados por pacientes que não verificam validade, formas de acondicionamento dos medicamentos em estoque nas suas residências (CALDEIRA, PIVATO, 2010).

Os medicamentos, segundo as estatísticas divulgadas pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico-farmacológicas (SINITOX), ocupam o primeiro lugar, em relação às intoxicações domiciliares, no conjunto dos 13 agentes tóxicos considerados (SINITOX, 2016).

Diante disso, o objetivo deste estudo foi investigar os hábitos da população acerca do consumo e manejo de medicamentos, tendo como objetivos geral avaliar a prática da farmácia caseira nas residências dos usuários de uma Unidade Básica de Saúde, visando difundir o conhecimento e a orientação sobre o acondicionamento e descarte final de medicamentos, e como objetivos específicos caracterizar o perfil desses pacientes, identificar características como classes farmacológicas, formas de armazenamento e descarte, observação do prazo de validade, automedicação, e por fim, orientar os entrevistados quanto à manipulação correta dos medicamentos no intuito de promover seu uso seguro e de forma racional, para evitar consequências indesejáveis à saúde do paciente e ao meio ambiente.

MÉTODOS

A pesquisa foi realizada através de um estudo transversal e observacional. O local escolhido foi o bairro Penha, no município de Lages, na Serra Catarinense. O mesmo é coberto pela Unidade Básica de Saúde (UBS) Penha. A amostra consistiu em pacientes cadastrados na UBS Penha que estavam sob a responsabilidade (residindo na área de abrangência) de uma das Agentes Comunitárias de Saúde (ACS), resultando em uma

Revista Gepesvida

população de 151 famílias.

A partir desse número, através do programa de estatística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), SEstatNet, foi calculado um tamanho amostral de 108 famílias, a fim de estabelecer resultados com nível de confiança de 95%, precisão da estimativa de 50 \pm 5% e sem nenhuma perda amostral.

A coleta de dados ocorreu durante os meses de setembro de 2021 a abril de 2022, sendo realizada por meio de um questionário estruturado, com 17 perguntas, entre abertas e fechadas. O mesmo foi aplicado por meio de visitas domiciliares, a fim de observar a presença dos medicamentos e sua estocagem; durante a apresentação foi explicado o objetivo da pesquisa e então solicitou-se a participação de um dos moradores da residência que obedecesse aos critérios de inclusão.

No término dos questionamentos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e então foram repassadas orientações verbais acerca do tema do projeto. Não houve nenhuma recusa em participar da pesquisa.

Foram estabelecidos critérios de inclusão para responder ao questionário, sendo que o entrevistado deveria ter mais de 18 anos, residir na moradia pesquisada, estar cadastrado na UBS local e aceitar assinar o TCLE.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), com o parecer substanciado no 4.716.536.

RESULTADOS

Tabela 1. Distribuição de frequência das variáveis: gênero, faixa etária e escolaridade dos entrevistados nas UBSs de Lages, SC, 2021.

Variável	Nº de pacientes entrevistados	Porcentagem (%)
Gênero		
Feminino	71	65,7
Masculino	37	34,3
Faixa Etária (anos)		
18-28	8	7,4
29-39	12	11,1

Revista Gepesvida

40-49	18	16,7
50-59	24	22,2
60-69	22	20,4
70 +	24	22,2
Escolaridade		
1º incompleto	37	34,26
1º completo	19	17,59
2º incompleto	4	3,70
2º completo	28	25,92
3º incompleto	7	6,48
3º completo	13	12,04
Profissão		
Do lar	23	21,30
Doméstica	7	6,48
Autônoma	6	5,55
Cuidadora	5	4,62
Total	100	100

Referente à profissão, dos 108 participantes, foram elencadas 47 diferentes profissões, tais como: do lar (21,3%), doméstica (6,48%), autônoma 6 (5,55%), cuidadora (4,6%), marceneiro (4,6%) e tantas outras como farmacêutica.

Tabela 2. Distribuição de frequência dos Medicamentos mais frequentes que não são usados em doenças crônicas

Medicamento	Frequência que a classe foi relatada	Porcentagem (%)
Analgésico e antitérmicos	126	26,58
Anti-inflamatório	50	10,55
Vitaminas/minerais	44	9,28
Relaxante muscular	32	6,75
Inibidor de bomba de Prótons	23	4,85

Revista Gepesvida

Anti Reumáticos	21	4,43
Antigripais	15	3,17
Antibiótico	11	2,32
Fitoterápicos	10	2,11
Outros	142	29,96
Total	474	100

A Tabela 2 identifica as classes dos medicamentos que os entrevistados relataram consumir e armazenar, na qual os analgésicos e antitérmicos foram a classe predominante - com 26,58% - sendo o Paracetamol o mais relatado. Em segundo lugar, encontram-se os anti-inflamatórios com 10,55%, seguidos de vitaminas e sais minerais com 9,28%.

Tabela 3. Distribuição de Frequência dos fatores relacionados ao armazenamento dos medicamentos usados pelos entrevistados.

Variável	Frequência	Porcentagem (%)
Cozinha	66	55,0
Quarto	49	40,83
Sala de estar	3	2,5
Banheiro	1	0,83
Área de serviço	1	0,83
TOTAL	120	100
Recebeu alguma informação sobre o armazenamento dos medicamentos		
Sim	7	6,48
Não	101	93,5
Total	108	100
Conhecimento sobre o prazo de validade dos medicamentos que armazena		
Sim	90	83,3
Não	18	16,7
Total	108	100

Observou-se que 55% dos entrevistados armazenavam seus medicamentos na cozinha, seguido de 40,8% no quarto. Deve-se ressaltar que 13 entrevistados armazenavam seus medicamentos em 2 lugares, onde 11 no quarto e cozinha, 1 quarto e sala de estar e 1 cozinha e sala de estar.

Revista Gepesvida

Tabela 4 - Fatores associados ao descarte de medicamentos utilizados pelos entrevistados atendidos na Unidade Básica de Saúde da Penha - Lages-SC.

Variável	Número pacientes	de Porcentagem (%)
Conhecimento sobre o prazo de validade dos medicamentos que armazena		
Sim	90	83,3
Não	18	16,7
TOTAL	108	100
Obedece ao prazo de validade dos medicamentos		
Sim	93	86,2
Não	15	13,8
TOTAL	108	100
Informações sobre o descarte dos medicamentos		
Sim	11	10,2
Não	97	89,8
TOTAL	108	100
O que faz com as sobras de medicamentos		
Sim	11	10,2
Não	97	89,8
TOTAL	108	100
O que faz com as sobras de medicamentos		
Põe no lixo	62	35,8
Guarda para usar outra vez	45	26,0
Devolve à unidade	29	16,8
Dá aos vizinhos/amigos...	8	4,6
Joga no vaso sanitário/pia	7	4,0
Devolve à farmácia básica	6	3,5
Devolve ao ACS	5	2,9
Outros	11	6,4
TOTAL	173	100

Assim, foi verificado que vários entrevistados descartam em mais de um local, por isso o “N” total foi maior que a amostragem. Outro ponto interessante a ser analisado

Revista Gepesvida

foi que 45 (41,7%) guardam as sobras para utilizar novamente quando for necessário.

Tabela 5- Informações sobre a automedicação

Variável	Número de pacientes	de Porcentagem (%)
Indicação dos medicamentos		
Médico	98	54,7
Automedicação	46	25,7
Farmacêutico	26	14,5
Amigo	4	2,2
Balconista	2	1,1
Enfermeira	1	0,6
Dentista	1	0,6
Conheceu na TV	1	0,6
Total	179	100
Quantos medicamentos foram prescritos por médico		
Todos	43	39,8
Maioria	36	33,33
Metade	14	12,96
Minoria	7	6,48
Não se aplica	8	7,41
TOTAL	108	100
Segue orientações médicas		
Totalmente	87	80,55
Parcialmente	13	12,05
Não se aplica	8	7,40
TOTAL	108	100

Revista Gepesvida

DISCUSSÃO

A amostra do estudo foi composta por 108 famílias atendidas pela Unidade Básica de Saúde do local pesquisado, não tendo ocorrido nenhuma recusa.

Referente ao perfil sociodemográfico dos entrevistados, o sexo feminino representou 65,7% da amostra, enquanto 34,3% pertenciam ao sexo masculino. Esse resultado pode estar associado ao fato de as mulheres terem maior preocupação com a saúde, além de geralmente serem responsáveis pelos cuidados dispensados à família, como sugere o estudo realizado por Ribeiro et al. (2006), em que observou-se que os usuários atendidos pelo SUS caracterizavam-se em sua maioria por serem mulheres (61,9%).

Contribuindo para esse estudo, percebeu-se durante a pesquisa que na maioria das visitas em que haviam os dois gêneros presentes, a mulher se dispôs mais rapidamente a responder o questionário. Assim, tais dados e observações sugerem uma delegação da responsabilidade dos cuidados com medicamentos à figura feminina.

A idade dos entrevistados variou entre 19 a 91 anos, com média de 55 anos e SD 16. Constatou-se que cerca de 42,6% deles tinham acima de 60 anos.

Referente ao grau de escolaridade, viu-se que o grupo mais prevalente, com 34,2%, foi o de baixa escolaridade (1º grau incompleto), seguido daquele com 2º completo (25,9%) e do 1º completo (17,5%). Observou-se que apenas 12% apresentavam o Ensino Superior completo - 3º grau completo.

Em relação a ocupação dos respondentes, foram elencadas 47 profissões diferentes, com destaque para do lar com 21,2% e doméstica com 6,48%.

Das 108 residências pesquisadas, em apenas três delas não foi constatado o armazenamento de medicamentos. Assim, a prevalência da farmácia caseira nesse estudo foi de 97,23%, de maneira semelhante aos dados obtidos pela pesquisa em Divinópolis, MG, em que 96,6% das residências os medicamentos estavam presentes (FERREIRA, RODRIGUES, 2015).

Quanto ao armazenamento de medicamentos, o local mais apontado pelos entrevistados foi a cozinha, com 55%, seguida do quarto com 40,83%. O mesmo resultado foi encontrado no estudo de Schenkel et al. (2005) no qual 55% dos entrevistados estocavam na cozinha.

Revista Gepesvida

A farmácia caseira deve ser armazenada preferencialmente em armário único para essa atividade, que impeça a exposição à luz, calor ou umidade, de maneira a evitar que o produto sofra alterações em sua estabilidade físico-química. Dessa forma, locais como banheiro e cozinha mostram-se impróprios para o armazenamento de medicamentos, uma vez que possibilitam o contato com umidade e o estoque junto a outros produtos químicos.

Além do risco de intoxicações por ingestão acidental, a falta de cuidados com a farmácia caseira pode afetar a eficiência e a segurança no uso de medicamentos de diversas maneiras (SCHENKEL, 1991)

Ademais, para ser considerada segura do acesso de crianças, deve-se ter a proteção do armário utilizado com o uso de chaves. Durante a coleta de dados, observou-se apenas uma residência (0,92%) em que tal recomendação foi seguida. Resultado semelhante foi encontrado em um estudo de Porto Alegre-RS, no qual nenhum medicamento era guardado em local com chave, e, dessa forma, todas as farmácias caseiras foram consideradas expostas ao alcance de crianças (SCHWINGEL *et al.*, 2015)

O armazenamento em lugares de fácil acesso pelas crianças também pode aumentar o risco de intoxicações e o acondicionamento fora de sua embalagem original ou sem bula contribui para o uso incorreto e/ou equivocado, ampliando o risco de eventos adversos (MASTROIANNI *et al.*, 2011).

Nesse contexto, quando questionados sobre já ter recebido informações sobre como armazenar corretamente, 93,5% dos entrevistados responderam que não. Uma pesquisa realizada entre os anos de 2006 e 2007 pelo Curso de Farmácia do Centro Universitário UNIVATES, na região do Vale do Taquari, mostrou em seus dados uma situação alarmante como a da realidade deste estudo, visto que no riograndense 73,4% dos entrevistados relataram não receber informações de como guardar os medicamentos, e 54,5% deles o fazia de forma inadequada (SCHWINGEL *et al.*, 2015)

A quantidade de medicamentos presentes no estoque domiciliar variou de 0 a 25, com uma média de 7 medicamentos por residência e SD de 5,25. Em três das residências não havia estoque (2,7%). Foram listados ao final da pesquisa a presença de 474 medicamentos, excluindo aqueles de uso contínuo para o tratamento de doenças crônicas. 13,8% relataram estocar 4 medicamentos, 11% estocavam 6, e 20,3% dos entrevistados

Revista Gepesvida

possuíam mais de 10 medicamentos em casa.

As classes terapêuticas predominantes foram analgésicos e antitérmicos (26,5%), antiinflamatórios (10,5%), vitaminas e minerais (9,28%) e relaxantes musculares (6,75%). No estudo de Laste, em 2012, os fármacos analgésicos e antitérmicos foram os mais prevalentes no estoque (21%), seguido dos anti-inflamatórios e antirreumáticos (10,2%). (LASTE, 2012).

A automedicação foi relatada por 47 pacientes, gerando uma porcentagem de 43,5%. Acerca de receber indicação para o consumo de medicações, identificou-se que 24% dos entrevistados já receberam indicações de farmacêuticos, 3,7% de amigos e 1,85% de balconistas.

Os entrevistados foram questionados sobre quantos de seus medicamentos foram prescritos por médico: 39,8% responderam que todos foram adquiridos por prescrição médica, 33,3% a maioria, 12,9% metade e 6,4% a minoria, sendo que para 8 pacientes (7,4%) nenhum medicamento foi prescrito por médico, uma vez que 3 deles não tinham medicamentos em casa e 5 tinham seus medicamentos todos comprados por automedicação.

Questionados sobre seguir as orientações médicas para consumo de medicamentos, 80,5% referiu seguir totalmente, 12% parcialmente, e os 7,4% restantes enquadram-se em “não aplicável” pois não faziam uso de medicação por indicação médica,

Quando questionados acerca da verificação da data de vencimento dos fármacos, 83,3% citou ter conhecimento do prazo de validade dos medicamentos que armazena, e 86,2% obedece ao prazo de validade desses. Os medicamentos vencidos constituem um risco considerável de uso irracional, podendo resultar em intoxicações, além de efeitos indesejáveis decorrentes da utilização do produto fora do prazo de validade (FERNANDES, 2020). É necessário que se realize a revisão periódica dos medicamentos que constituem a farmácia caseira, pelo menos duas vezes por ano, pois os medicamentos vencidos e aqueles cujo uso já ocorreu devem ser descartados para evitar possíveis intoxicações ou trocas. (FERNANDES E PETROVICK, 2004).

Observou-se o hábito de reutilização de fármacos em cerca de metade das residências, uma vez que 41,7% afirmou que após a finalização de um tratamento,

Revista Gepesvida

guardam as sobras para utilizar o medicamento novamente; sendo que entre as medidas apontadas por especialistas e que podem minimizar os riscos de acidentes domésticos, está o cuidado de não estocar medicamentos em casa após o término do tratamento.

Na sequência, questionou-se qual era a forma de descarte executada na residência, obtendo-se como resposta 5 métodos gerais: descarte em lixo comum (35,8%), devolver à Unidade Básica de Saúde, à farmácia básica ou ao Agente Comunitário de Saúde (23,2%), dar aos vizinhos, amigos ou familiares (4,6%) e jogar no vaso sanitário ou pia (4%); 6,4% das respostas foram enquadrados em “Outros”, o qual incluiu práticas como a incineração e enterrar os medicamentos. Ressalta-se aqui que como vários dos entrevistados responderam usar mais de uma forma, obteve-se um N maior que a amostragem. Sendo assim, entende-se que 50,8% da população pesquisada realiza o descarte incorreto.

Logo após, os entrevistados foram questionados se já haviam recebido alguma orientação de como realizar o descarte da forma correta, sendo que 89,8% respondeu nunca ter recebido informações. O descarte deve evitar prejuízos ao ambiente e à saúde dos indivíduos, porém há ausência de regulamentação em nível domiciliar e o usuário se torna responsável por realizar o mesmo (FERNANDES E PETROVICK, 2004). Como não existem na regra sistemas organizador para o descarte adequado de produtos farmacêuticos, o próprio usuário deve se responsabilizar por essa tarefa. A situação correta apoiada pela legislação brasileira seria devolver os medicamentos a farmácia, drogarias ou postos de saúde, que irão encaminhá-los à empresa distribuidora, como forma de evitar possíveis intoxicações. (FERNANDES E PETROVICK, 2004). Nesse contexto, ao perceber que a realização do descarte, seja de medicamentos vencidos ou inutilizados, foi uma das maiores dificuldades da população estudada, implementou-se um local como ponto de coleta desses, dentro da UBS Penha, em local de fácil acesso e visualização pelos pacientes. Observou-se uma boa adesão da comunidade a esta iniciativa, levando seus medicamentos para o descarte correto. A implementação da caixa como ponto de coleta foi responsabilidade das autoras do projeto, enquanto a destinação final dos medicamentos arrecadados foi uma atividade atribuída à UBS Penha.

Por fim, com a intenção de elucidar a população pesquisada, foram promovidas ações educativas na comunidade. Nesse contexto, durante a pesquisa houve diálogo com

Revista Gepesvida

os participantes, no qual dúvidas foram elucidadas e orientações repassadas verbalmente. Além disso, paralelamente a coleta e análise dos dados, foram publicadas informações sobre os temas “Descarte de medicamentos nos pontos de coleta” e “Descarte dos insumos de insulina”, através das redes sociais Instagram e Facebook, na conta da UBS Penha, que alcançam, em conjunto, um público de 1.357 pessoas em 2022, entre elas moradores do bairro em análise.

CONCLUSÃO

Os resultados da pesquisa apontaram uma população com baixa escolaridade e desconhecimento acerca do manejo de medicamentos, sem receber orientações de como realizá-lo.

A maioria dos entrevistados não armazenava os medicamentos em local e condições adequadas, atentavam-se ao prazo de validade dos fármacos e possuíam fármacos adquiridos por automedicação. O descarte inadequado foi uma das práticas mais alarmantes encontradas no estudo.

A partir desse contexto, foram realizadas intervenções dentro da comunidade de modo a elucidar os moradores sobre consumo, armazenamento e descarte adequado de fármacos. Dessa forma, a inserção de um ponto de coleta dentro da Unidade Básica de Saúde local, para descarte de medicamentos não mais utilizados ou fora do prazo de validade, além de publicações de orientação sobre o tema nas redes sociais voltadas a esse público, foram ações educativas bem aceitas pela população.

Dessa forma, uma assistência farmacêutica eficiente somada a educação continuada de profissionais da saúde e da população, são mudanças necessárias para alterar a realidade encontrada no estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDEIRA, Décio; PIVATO, Leandro Silva. **Descarte de medicamentos domiciliares vencidos: o que a legislação preconiza e o que fazer?** Artigo (Graduação em Farmácia) – Curso de Farmácia, UNINGÁ, Unidade de Ensino Superior Ingá, Maringá, 2010.

Revista Gepesvida

FERNANDES, L.C.; PETROVICK, P.R. Os medicamentos na farmácia caseira. In: SCHENKEL, E.P. Cuidados com os medicamentos. 4.ed. rev. e amp. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p.39-42.

FERNANDES, M. R., Figueiredo, R. C. D., Silva, L. G. R. D., Rocha, R. S., & Baldoni, A. O. (2020). Armazenamento e descarte dos medicamentos vencidos em farmácias caseiras: problemas emergentes para a saúde pública. **Einstein**, 18

FERREIRA, C. L., & Rodrigues, S. C. (2015). Análise do conhecimento da população sobre descarte de medicamentos em Belo Horizonte/MG. **Interfaces Científicas, Saúde e Ambiente**, 3(2): 9-18

ICTQ - Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade. **Pesquisa automedicação no Brasil no ano de 2014**. Disponível em <http://www.ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/353-indicacao-de-amigoreforcaa-pratica-da-automedicacao>. Acesso em 05 fev. 2022.

LASTE, G. The role of the community health agent in control of the in-house stock of medication in communities served by the family health strategy. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 5, p. 1.305-1.312, 2012

MASTROIANNI, P. C.; LUCCHETTA, R. C.; SARRA, J. R.; GALDURÓZ, J. C. F. Estoque doméstico e uso de medicamentos em uma população cadastrada na estratégia saúde da família no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**, Washington, v. 29, n. 5, p. 358-64, 2011

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Bvs. **Automedicação**. Biblioteca Virtual de Saúde, 2012. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/dicas/255_automedicacao.html. Acesso em: 10 nov. 2022.

NASSAR, Silvia M., WRONSCKI, Vilson R., OHIRA, Masanao et al. SEstatNet - **Sistema Especialista para o Ensino de Estatística** na Web. URL de acesso: <http://sestatnet.ufsc.br> . Florianópolis - SC, Brasil. Acesso em: 13 ago 2012.

RIBEIRO, M. C. S. A.; BARATA, R. B.; ALMEIDA, M. F.; DA SILVA, Z. P. Perfil sociodemográfico e padrão de utilização de serviços de saúde para usuários e não-usuários do SUS - PNAD 2003. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, p. 1011-1022, 2006.

SCHWINGEL, Débora *et al.* FARMÁCIA CASEIRA X USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS. **Biblioteca Virtual de Saúde**, 2015. Disponível em: <http://www.meep.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/973>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SILVA, Jairton Clebison Soares Da; SOUZA, Francisco Das Chagas Rodrigues De ; AOYAMA, Elisângela de Andrade Aoyama. A INCIDÊNCIA DO USO INDISCRIMINADO DE MEDICAMENTOS. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, 2020. Disponível em: <https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/77/71>. Acesso em: 10 nov. 2022.

Revista Gepesvida

SINITOX - Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. **Descarte de medicamentos domiciliares**, 2016. Disponível em <https://sinitox.icict.fiocruz.br/descartedemedicamentos-domiciliares>. Acesso em 01 fev.2022.

SHENKEL, E. P. (Org.) **Cuidados com os Medicamentos**. 3.ed. Porto Alegre/Florianópolis: UFRGS/UFRS 1991. 173p.

SHENKEL, E.P.; FERNANDES, L.C.; MENGUE, S.S. Como são armazenados os medicamentos nos domicílios? **Acta Farm Bonaerense**, n.24, p.266-70, 2005

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial da Saúde**. Disponível em http://www.who.int/whr/2017/whr10_pt.pdf. Acesso em 05 fev. 2019.

Recebido em maio de 2023.

Aceito em junho de 2023.